

Institutos Missionários Combonianos



Demmo-nos reciprocamente a mão
(Escritos 2182)

Roma, 17 de Março de 2002
Aniversário da beatificação de Daniel Comboni

Gênese

Por diversas vezes, muitos nossos irmãos e irmãs, tanto a nível pessoal como comunitário, manifestaram o desejo de promover entre os nossos Institutos Combonianos uma mais estreita e frutuosa colaboração, como dimensão essencial do carisma missionário comum. O desejo de aprofundar e apreciar experiências feitas a este respeito levou-nos à organização de encontros, como o de Entebbe, Uganda (21 de Julho a 10 de Agosto de 1996), e a numerosas intervenções nas diversas reuniões (em particular no contexto da preparação da beatificação de Daniel Comboni).

Os nossos últimos capítulos gerais e assembleias intercapitulares deram forma, embora sumariamente, a este desejo expresso por muitos. Os três conselhos gerais – Missionários Combonianos, Irmãs Missionárias Combonianas e Missionárias Seculares Combonianas – reunidos em Florença (28 de Dezembro de 2000) debruçaram-se sobre este tema e resolveram organizar em Roma um seminário, alargando o convite, para além de aos três conselhos gerais, a outros membros de serviços e secretariados gerais (23-24 de Junho de 2001).

No fim deste encontro, resolvemos, entre outras iniciativas, escrever esta carta dirigida a toda a família comboniana.

Institutos Missionários Combonianos

COLABORAÇÃO PARA A MISSÃO

"Demo-nos reciprocamente a mão"
(Comboni, Escritos 2182)

Roma, 17 de Março de 2002
Aniversário da beatificação de Daniel Comboni

ÍNDICE

SAUDAÇÃO E FINALIDADE	p. 3
I. PARTINDO DA NOSSA REALIDADE Olhando para os pontos positivos Aprendendo com as nossas limitações	p. 4
II. REGRESSANDO AOS FUNDAMENTOS Iluminados pela Palavra de Deus No rasto de Daniel Comboni	p. 8
III. CAMINHO ABERTOS Na relação entre mulher e homem Na relação entre ministérios diferentes Na caminhada formativa e na vida comunitária No serviço missionário Na espiritualidade comboniana	p. 13
ALGUMAS PROPOSTAS DE ACÇÃO	p. 17
CONCLUSÃO	p. 23
Apêndice 1 <i>"Guiados pela Igreja"</i>	p. 25
Apêndice 2 <i>Instituto das Missionárias Seculares Combonianas</i>	p. 28
Apêndice 3 <i>Questionário para reflexão comunitária</i>	p. 30

QUESTIONÁRIO PARA REFLEXÃO COMUNITÁRIA

1. *Que desejam os homens que as mulheres compreendam melhor a seu respeito e vice-versa? Que deveríamos fazer para acolher as nossas recíprocas expectativas? Como promover positivamente o despontar e a afirmação do feminino na Igreja e entre nós?*
2. *O que é que cada Instituto (ou realidade da família comboniana) deseja que os outros compreendam melhor acerca da sua vocação específica?*
3. *Que história escreveu cada Instituto para documentar aos outros a sua experiência, tanto no âmbito da vida religiosa como na dimensão apostólica? Que elementos do carisma comboniano se consideram mais importantes para servir de base às nossas relações fraternas? Que exemplos possuímos de irmãos ou irmãs que encarnaram estes valores?*
4. *Como fazer das diversidades uma fonte de enriquecimento e não de divisão? O que é que considero precioso em mim e que desejaria oferecer aos outros? Como implementar uma colaboração sem absolutização das minhas ideias ou dos meus sentimentos?*
5. *Que tipo de colaboração entre os nossos Institutos (provincias, regiões, comunidades) temos de atingir para a missão em conjunto? Como assegurar um processo de discernimento e de comparação/verificação para bem da nossa actividade missionária?*

Caríssimos/as irmãos e irmãs

1. Iniciamos esta reflexão com o voto do beato Daniel Comboni: *“Demo-nos reciprocamente a mão: que haja um só desejo, uma só finalidade, um só empenho de todos quantos amam a Jesus Cristo, ou seja, o de conquistar para Ele a infeliz Nigriçia”* (Escritos 2182). Rezemos para que este desejo de Comboni se possa tornar uma realidade e encontrar-nos unidos/as num só coração para podermos enfrentar os desafios missionários contemporâneos com generosidade e alegria.
2. Entendemos escrever esta carta movidos, antes de mais, pelos “sinais dos tempos”. O pensamento e os acontecimentos dos nossos dias estimulam-nos fortemente a identificar o presente rosto da missão na capacidade de comunhão e colaboração. A Igreja está a redescobrir o seu papel profético de ser semente de uma humanidade solidária, portadora de um processo radical de fraternidade, justiça e paz. Os homens e as mulheres do nosso tempo esperam uma colaboração traduzida em sinais concretos a todos os níveis, que esteja acima dos preconceitos e se torne capaz de abrir novos canais de esperança.
3. Somos, porém, movidos, de um modo particular, pelo crescente desejo de colaboração entre nós de uma forma mais criativa e construtiva, desejo que se faz sentir mais forte sobretudo onde há sofrimento pela falta dessa colaboração.
4. Pensamos que o sonho de Daniel Comboni foi o de nos transformarmos em *cenáculo de apóstolos* – homens e mulheres de diferentes nações e culturas – que se unem em torno da intuição carismática brotada do Coração

Trespasado de Jesus Cristo. É desta Fonte Vital que nasce a colaboração entre os Institutos Combonianos como uma dimensão essencial do carisma missionário comum.

5. Estamos também convencidos de que herdámos de Daniel Comboni a colaboração como expressão genuína da sua metodologia missionária. De facto, ele previa no seu Plano sacerdotais, irmãs, irmãos, leigos, professores, artesãos, pessoas africanas e de outros continentes juntos numa única equipa missionária.

Finalidade

6. ***A finalidade desta carta é, portanto, estimular, seguindo o rasto do nosso Fundador, a colaboração entre os Institutos Combonianos, como exigência da nossa vocação missionária e testemunho evangelizador.***

7. ***Pretendemos igualmente encorajar o acompanhamento desta reflexão com propostas práticas e meios concretos para a introduzir na praxe quotidiana do nosso serviço missionário, fazendo com que ela aumente cada vez mais.***

I. PARTINDO DA NOSSA REALIDADE

Olhando para os pontos positivos

8. Certamente que a colaboração já é uma realidade efectiva nas próprias **pessoas** dos nossos Institutos. São muitos os sectores (vida espiritual e os diferentes campos de actividade apostólica), as formas e as circunstâncias onde os membros dos nossos Institutos se empenham a trabalhar em harmonia e partilha. Muitos de nós viveram experiências de comunhão

“Semeadas na vida dos homens para fazer germinar o Evangelho no seio das mais variadas realidades e situações humanas, para serem em todo o lado alma e fermento de missionariedade: é esta a singular encarnação da herança comboniana a que Deus as chama” (Boletim “A Nossa Voz”, Junho de 1997).

4. A finalidade específica do Instituto consiste na “cooperação” na actividade missionária vivida nas suas diferentes expressões. As Missionárias Seculares Combonianas privilegiam a animação missionária, tanto no seu ambiente de origem como nos países para onde são enviadas para um serviço missionário. A animação é, antes de mais, um estilo de vida, mas exprime-se também em actividades específicas.
5. O Instituto recebe com gosto entre os seus membros também pessoas com deficiências físicas ou outras enfermidades crónicas, em condições de empenharem toda a sua vida na missão, encarnando de forma particular a dimensão da oração e do sacrifício (cfr. Col. 1, 24).

APÊNDICE 2

Breve apresentação do INSTITUTO DAS MISSIONARIAS SECULARES COMBONIANAS

1. "O Instituto das Missionárias Seculares Combonianas, constituído segundo as normas da Igreja, compõe-se de pessoas que se consagram a Deus no mundo para cooperarem no apostolado missionário segundo a espiritualidade do apóstolo da África Daniel Comboni e atingir, desta forma, a sua perfeição evangélica" (Constituições).
2. As Missionárias Seculares Combonianas reconhecem-se como uma expressão da fecundidade do carisma de Daniel Comboni. Sentem-se parte da família comboniana, de que partilham o carisma, que encarnam segundo as características do seu Instituto.
Em Comboni – por certo sensível ao fermento que, mais tarde, na Igreja, conduziu ao reconhecimento do papel dos leigos – as Seculares Combonianas descobrem profundos motivos de inspiração, não apenas na vertente da missionariedade como também na da secularidade.
3. A "secularidade" é o elemento que melhor as caracteriza, e é exactamente esta dimensão que pretenderiam que fosse mais conhecida pelos outros membros da família comboniana.
Ela confere um timbre singular à consagração vivida através da profissão dos conselhos evangélicos e à vocação missionária "ad gentes". A secularidade põe um timbre particular sobre a pessoa, mais do que sobre a instituição, sobre a sua qualidade de fermento escondido, mais do que sobre a visibilidade da organização, das obras ou das estruturas.

fraterna que se tornaram fundamentais para a afirmação da própria vocação e actividade apostólica. Como família comboniana, desde o primeiro grupo missionário reunido à volta do Fundador, temos uma história conxelada de exemplos luminosos de colaboração como autênticos irmãos e irmãs. Temos, de facto, diante de nós imagens que falam mais que as próprias palavras:

– Após o derrube da Mahdia, Mons. António Roveggio recebe Teresa Grigolini em Assuão. Escuta-a e fica convencido de que, diante de Deus, ela adquiriria imensos méritos por este novo e inaudito género de sacrifício (o casamento) feito em favor de todo o grupo (missionários e missionárias prisioneiros do Mahdi).

– Em finais de Agosto de 1903, o Pe. José Beduschi agonizava em Lul enquanto a Irmã Josefa Scândola, na mesma missão, se encontrava de boa saúde. Ela manda-lhe dizer: "...*você não morrerá, morrerá eu em sua vez...*" e ofereceu a vida por ele. De facto, a Irmã Josefa morreu alguns dias mais tarde, a 1 de Setembro de 1903, e o P. José viverá ainda por muitos anos.

Daniel Comboni mostrava-se orgulhoso dos seus missionários e missionárias, unidos e fiéis nos trágicos momentos de privações e sofrimentos, exactamente quando a colaboração se tornava caridade e comunhão de corações.

9. O dom da colaboração há-de encarnar nas **comunidades** concretas, que o revestem com as suas coisas belas, mas também com as suas divergências. Esperamos que os dados positivos sejam mais fortes que os negativos e que, por fim, possamos superar todos os obstáculos. Mas, enquanto reconhecemos os inúmeros passos dados em frente, estamos também firmemente convencidos da necessidade de cultivar as atitudes necessárias para uma colaboração respeitosa e

confiante entre nós. São muitos os nossos irmãos e irmãs que na sua simplicidade vivem estes valores, sobretudo numa altura em que os nossos Institutos estão a crescer na internacionalidade e interculturalidade.

10. Como **Conselhos Gerais**, já possuímos uma óptima tradição de colaboração baseada na amizade e apoio recíprocos. Reunimo-nos regularmente para mutuamente nos informarmos e partilhar experiências, iniciativas, dúvidas, intuições. Por vezes, até já fizemos os exercícios espirituais juntos. Nas situações missionárias de emergência, etc., fazemos comparações, consultamo-nos e tomamos decisões em conjunto.

11. Os **secretariados** e os **serviços** são os que melhor conseguem materializar a colaboração a nível geral. Organizam encontros onde se aprofundam os princípios, se programam e se realizam iniciativas conjuntas nos diversos sectores, como a evangelização, animação missionária, justiça, paz e integridade da criação, formação, promoção vocacional e economia.

12. Temos vindo a constatar, com prazer, que em muitos locais das **províncias/delegações/regiões** há o costume de celebrar as festas combonianas juntos. Frequentemente reza-se, escuta-se e partilha-se a Palavra de Deus comunitariamente. O recíproco convite para as respectivas assembleias ou encontros que podem interessar a todos e a todas é uma prática bastante generalizada. Por toda a parte se procuram, com criatividade, os meios e as modalidades de promoção desta dimensão de testemunho e colaborante comunhão. Nota-se igualmente uma crescente tendência para os encontros conjuntos entre os conselhos provinciais ou de delegação.

O Papa João Paulo II oferece-nos este texto de espiritualidade da comunhão que deveríamos meditar frequentemente: "Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Que significa isto em concreto? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na acção, mas seria errado deixar-se levar por tal impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma espiritualidade da comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais onde se constroem as famílias e as comunidades. Espiritualidade da comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como "um que faz parte de mim", para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para lhe oferecer uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver, antes de mais nada, o que há de positivo no outro, para o acolher e valorizar como dom de Deus: um "dom para mim", como o é para o irmão que directamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber "criar espaço" para o irmão, levando "os fardos uns dos outros" (Gal. 6, 2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos ameaçam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores de comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento" ("Novo Milénio Ineunte", 43).

regresso dos ídolos do nacionalismo, sobretudo eles têm a missão de manter vivo e de testemunhar o sentido da comunhão entre os povos, raças e culturas" (VC 51).

O mesmo texto reafirma ainda que: "o futuro da nova evangelização... é impensável sem o renovado contributo das mulheres". Em particular, a mulher consagrada "pode contribuir para eliminar certos pontos de vista unilaterais, que não manifestam o pleno reconhecimento da sua dignidade, do seu contributo específico na vida e na actividade pastoral e missionária da Igreja". Além disso, "...a nova consciência feminina ajuda também os homens a rever os seus esquemas mentais, a sua forma de se comportarem, de se posicionarem na história e de a interpretar, de organizar a vida social, política, económica, religiosa, eclesial" (VC 57).

O apelo à unidade tem de transformar-se em relacionamento fraterno e mútua colaboração também entre os diferentes Institutos de vida consagrada. "Pessoas que estão unidas entre si pelo compromisso comum de seguir Cristo e animadas pelo mesmo Espírito não podem deixar de manifestar visivelmente, como ramos da única Videira, a plenitude do Evangelho do amor" (VC 52). "Especialmente naqueles países onde, por dificuldades especiais, pode ser forte a tentação de se fecharem em si mesmos... é necessário que se ajudem mutuamente a procurar compreender o designio de Deus no actual transe da história, para melhor lhe responder com iniciativas apostólicas adequadas" (VC 53). São actuais e inspiradoras as palavras de São Bernardo citadas em VC a propósito das várias ordens religiosas: "Eu admiro-as todas. Pela observância, sou membro de uma delas, mas pela caridade pertença a todas elas. Todos temos necessidade uns dos outros: o bem espiritual que eu não tenho e não posso recebo-o dos outros... Neste exílio, a Igreja está ainda a caminho e é, se assim posso dizer, plural: é uma pluralidade una e uma unidade plural..." (VC 52).

Aprendendo com as nossas limitações

13. Realçando a nossa fragilidade, temos de reconhecer que a colaboração não é uma coisa que acontece por si mesma, é preciso empenhar-se na sua concretização. Por isso, é preciso **identificar as resistências** para saber transformá-las em oportunidades de crescimento. Às vezes, "por delicadeza", evita-se esclarecer as causas que geram o conflito ou vive-se ignorando-se mutuamente. Pode acontecer que não haja dificuldades reais, mas o facto é que não existe também uma situação de comunhão fecunda.
14. As dificuldades parecem advir sobretudo, mas não exclusivamente, da **realidade psicológica da pessoa**. Todos nos ressentimos de lacunas, fruto de uma educação que não ajuda ao crescimento humano, que se podem manifestar em mecanismos de defesa, como isolamento, recusa, insensibilidade aparente, sede de domínio, medo, falta de equilíbrio, ingenuidade... Certas dificuldades próprias do *género* são parte normal do processo de individualização feminina ou masculina, que devem conduzir-nos a sentirmo-nos à vontade na complementaridade a nível psicológico, espiritual e apostólico.
15. Um **inadequado conhecimento das respectivas vocações** (sacerdote, irmão, religiosa/o, leigo/a, secular) pode ser mais um motivo de dificuldade na colaboração, dando azo a mal-entendidos ou a expectativas pouco realistas. Por vezes, há mesmo falta de aceitação e valorização das diferentes tarefas e ministérios, o que revela uma visão eclesiológica deficitária.
16. As dificuldades, como o clericalismo (não apenas do passado e não apenas dos sacerdotes), a centralização de tudo em si mesmos, o domínio de um grupo sobre o outro, as opções de missionários/as de viverem "separados" em detrimento da

APÊNDICE 1

"GUIADOS PELA IGREJA"

São muitos os textos do magistério da Igreja que nos inspiram a viver a dimensão da colaboração missionária. Transcrevemos aqui apenas alguns, que nos parecem particularmente significativos.

"O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que nas teorias... A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar..." (Redemptoris Missio 41-42).

A *Evangelii Nuntiandi* insiste na indispensabilidade da comunhão no seio da comunidade evangelizadora, que cumpre o seu mandato quando apresenta o exemplo de "pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrarem para além de tensões que se verificam, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade" (EN 77).

Mutuae Relationes e *Ad Gentes* insistem na recíproca colaboração entre os religiosos (MR 21) e na cooperação entre os Institutos missionários (AG 33), em vistas de uma coordenação pastoral e das várias obras, e encorajando um envolvimento de todos os crentes leigos, homens e mulheres, e da comunidade cristã no seu conjunto.

Vita Consecrata recorda que as comunidades evangelizadoras têm "a missão particular de fazerem crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro, no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins... Sobre tudo os Institutos internacionais, nesta época caracterizada pela repercussão universal dos problemas e simultaneamente pelo

missão ou o activismo que não deixa lugar à reflexão nem ao estabelecimento de prioridades manifestam não só uma ideia de missão errada, que refreia a colaboração, como, sobretudo, **uma identidade vocacional não suficientemente interiorizada.**

17. Constatar que, nalguns locais, a atitude de colaboração muda segundo o interesse ou o gosto dos/as responsáveis de turno leva-nos a reflectir. Talvez faltem, para além das convicções pessoais fundadas nos valores, **estruturas e critérios comumente aceites**, que garantam a continuidade e favoreçam a partilha e colaboração motivada.

II. REGRESSANDO AOS FUNDAMENTOS

18. Na vocação missionária comboniana, a "colaboração entre nós" tem de ser, primeiro que tudo, um dom a ser recebido com gratidão, antes ainda de ser uma tarefa a realizar ou uma atitude a promover. O que se desconhece não pode ser apreciado. Retornar às raízes bíblicas e carismáticas ajuda-nos a aprofundar e apreciar mais o dom de comunhão recebido com o chamamento divino a fazermos parte da família comboniana para o serviço missionário.

Iluminados pela Palavra de Deus

19. Desde o princípio, a Escritura revela-nos que fomos pensados e desejados por Deus e criados à Sua semelhança. A vocação do ser humano à comunhão com Deus e com os outros está na sua própria natureza: "*E disse Deus: 'Façamos o homem à Nossa imagem, à Nossa semelhança...' Deus criou o homem à Sua imagem; criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher*" (Gen. 1, 26-27). A obra da criação é, de facto, obra do amor trinitário. A imagem que a criatura

humana é chamada a reflectir é a de um Deus em comunhão.

20. A pessoa humana, criada à imagem da "comunidade divina", é chamada a redescobrir que a dimensão comunitário-relacional da vida não é uma opção, mas condição indispensável de crescimento e desenvolvimento da personalidade. Paradoxalmente, quanto mais nos aproximamos dos outros tanto mais conseguimos a plena realização da identidade pessoal. Tal como Deus-Trindade existe para "se doar", também a criatura humana se reencontra profundamente consigo mesma na relação interpessoal e mais ainda na complementaridade entre homens e mulheres (cfr. Gen. 2, 18).

21. Desde o Antigo Testamento Deus elegeu Israel como "seu povo" (Deut. 7, 7; Is. 41, 8-9), estabelecendo com ele uma aliança. O resultado deste pacto de amor é a comunhão de corações entre os membros do seu povo. O que era mera solidariedade natural entre famílias, clãs e tribos tornou-se comunhão de vida a serviço do Deus que os havia tornado "um". Lealdade e fidelidade a Deus exprimem-se no acolhimento recíproco e na participação activa na vida e no destino da comunidade (Deut. 22, 1-4; 23, 20).

22. No Novo Testamento, Jesus inicia um novo estilo de missão em fraternidade. A comunidade de Jesus, 12 companheiros (Mc. 3, 14) e um grupo de mulheres (Lc. 8, 1-3), não nos parece ser, certamente, um exemplo de capacidade colaborativa; pelo contrário, o fechamento, a incapacidade de saber colher a mensagem e os desafios do Mestre, as dúvidas e os interesses pessoais dos escolhidos parecem refrear a realização da própria missão. Mas são estas pessoas, constituídas em Igreja, povo de Deus, que Jesus, apesar de tudo, anima, perdoa, encoraja e promove, manifestando-lhes confiança, libertando-as dos medos,

Madre Adele Brambilla (Sup. Ger.)
Ir. Annunziata Giannotti
Ir. M. Aparecida Gonçalves
Ir. Margit Forster
Ir. Luciana Zonta

Silvana Bordignon (Resp. Ger.)
Anna Maria Menin
Clementina Lotti
Celeste Moreira de Paiva
Isabella Dalessandro

P. Manuel Augusto Lopes Ferreira (Sup. Ger.)
P. Venanzio Milani
P. Juan González Nuñez
Ir. Umberto Martinuzzo
P. Rafael González Ponce

envolvendo-as e tornando-as partícipes do seu ministério de anúncio do Reino, de cura e de remissão dos pecados (Lc. 9, 1-6; 9, 12-16; 10, 1-2; 24, 44-48).

23. Da mesma forma, Jesus, embora aceitando o caminho lento dos mais fracos, apela a uma mudança de mentalidade, educando-os a acolherem-se mutuamente sem julgamentos (Mt. 7, 1-2), a perdoarem-se mesmo "setenta vezes sete" (Mt. 18, 22), a assumirem a sua própria atitude de serviço gratuito e de colaboração recíproca: "*Vós sabeis como os governantes das nações fazem sentir o seu domínio sobre elas e os magnates a sua autoridade. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós faça-se vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós faça-se escravo de todos*" (Mc. 10, 35-45).

24. A comunidade dos crentes acolhe e assume a herança de Jesus. Eles formam "*um só coração e uma só alma*" (Act. 4, 32) e manifestam a comunhão entre eles na "fracção do pão", na partilha dos bens, no padecimento das perseguições em conjunto (2 Cor. 1, 7; Heb. 10, 33; 1 Pe. 4, 13) e na colaboração no anúncio do Evangelho (Fil. 1, 5).

25. Jesus rezou para que também em nós se realize o seu sonho de estirpe e de fraternidade. Ser "*uma só coisa*" n'Ele e com o Pai é a condição "*para que o mundo acredite*" que Jesus veio verdadeiramente e que o seu amor nos salva (cfr. Jo. 17, 20-23). Para nos tornar capazes desse testemunho que exige que sejamos perfeitos na unidade, Jesus prometeu: "*...ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas...*" (Act. 1, 8).

26. É o Espírito Santo, derramado nos nossos corações, que nos confirma na missão comum e nos torna capazes de ultrapassar as barreiras para conseguirmos experimentar a alegria da colaboração na construção do Reino de Deus (cfr.

CONCLUSÃO

54. Jesus enviou os seus discípulos "dois a dois", porque, segundo a tradição judaica, o testemunho de uma só pessoa não era válido, mas há outras razões de peso:

- nós vamos "dois a dois", antes de mais, para assegurarmos a Sua presença; de facto, Ele diz-nos que "onde estiverem dois ou três reunidos no Meu nome, Eu estarei no meio deles" (Mt. 18, 20);
- depois, para evangelizarmos como Igreja, isto é, como servos uns dos outros, para que, vendo como nos amamos, seja glorificado o Pai que está nos Céus (cfr. Mt. 5, 16).

55. A colaboração entre nós não tem por finalidade tornar-nos mais "eficientes" ou "produtivos" segundo os critérios do capitalismo hodierno, mas entrar na lógica evangélica e comboniana do morrer para que o outro/a viva. A Cruz pretende ser um sinal profético, humilde e radical do poder de Deus, que realiza em nós o seu desígnio de comunhão e fraternidade através da oferta generosa da nossa vida pelo Seu povo.

56. O nosso voto final é que todos e todas possamos redescobrir com júbilo que fomos "talhados da mesma Rocha" (cfr. Is. 51, 1) para viver esta mística em cada dia na gratidão constante a Deus e uns aos outros.

57. Maria e José, grandes patronos do Beato Daniel Comboni e dos nossos Institutos, nos acompanhem neste árduo e apaixonante caminho.

Roma, 17 de Março de 2002
Aniversário da Beatificação de Daniel Comboni

Santa (IMC), as diversas iniciativas respeitantes à espiritualidade e o trabalho das Seculares (ver *Apêndice 2*), a preparação para os votos perpétuos (MCCJ-IMC), os seminários sobre as várias etapas da vida, sobre a integração afectiva, sobre a doença e a velhice.

g) A nível de **Animação Missionária**, que proporciona tantos aspectos de mútuo apoio e colaboração, favorecer a promoção vocacional aberta a todas as formas de empenho de vida segundo o nosso carisma, a animação dos grupos na Igreja local, nos meios de comunicação, o apoio e colaboração com os Leigos Missionários Combonianos.

h) No sector da **Economia**, empenhemo-nos em cultivar um estilo de vida segundo o espírito evangélico – longe do ter dinheiro para dominar – e a praticar a colaboração com gestos concretos de cariz não apenas financeiro mas também de serviços, como autênticos irmãos e irmãs, na transparência e na solidariedade.

53. Para que o empenho na colaboração entre os nossos Institutos produza frutos apostólicos duradouros, encorajemo-nos mutuamente a sermos concretos na programação das diversas iniciativas em comum, definindo em conjunto objectivos, estratégias, meios, avaliações (o que?, como?, quem?, quando?). Estamos certos que o amor à missão e a criatividade, estimulados pelo Espírito Santo, inspirarão muitas outras iniciativas construtivas.

2 Cor. 1, 22-24). *"Há, pois, diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum"* (1 Cor. 12, 4-7). A disponibilidade para colaborar com o Espírito de Deus, protagonista da missão, coloca-nos necessariamente em comunhão uns com os outros, porque somos todos chamados ao mesmo ideal de serviço.

No rasto de Daniel Comboni

27. O ideal de Comboni é o de suscitar um envolvimento de todas as forças na regeneração da Nigéria. A família comboniana, hoje mais do que nunca, sente-se chamada a encarnar esse ideal na história actual, um ideal que não é possível realizar sem uma colaboração a todos os níveis: no seio da própria família comboniana, onde cada um coloca ao serviço da missão as especificidades da sua vocação e ministério, e no exterior tornando-se, a par de outros Institutos e movimentos missionários da Igreja, fermento de missionariedade entre os cristãos.

28. Comboni estava convencido de que a obra a que era chamado mergulhava as raízes no próprio desígnio do Pai, que pretendia transformar o mundo no seu Reino. Com profunda humildade colocou-se ao serviço de um projecto que não era seu e cuja energia necessária para o levar a cabo lhe advinha do Alto. Esta atitude é indispensável para alicerçar uma autêntica colaboração, que não admite qualquer ideia de protagonismo ou de afirmação de si próprio em projectos pessoais, que tornariam inútil o anúncio missionário de que somos mensageiros e mensageiras.

29. O chamamento à missão congrega-nos, cria a pertença a um projecto comum e, como diz Comboni, transforma-nos em

"*cenáculo de apóstolos para a África, um ponto luminoso que envia até ao centro da Nigéria tantos raios quantos são os zelosos e virtuosos missionários que saem do seu seio; e estes raios que resplandecem juntos e aquecem, necessariamente revelam a natureza do Centro de que irradiam*" (S 2648).

30. Daniel Comboni vive pessoalmente esta experiência de "*cenáculo*" nas relações com os seus missionários/as (cfr. S. 2742). Ser "*cenáculo*" indica uma realidade que não se baseia na afinidade de pessoas ou interesses humanos, mas uma experiência particular de Igreja e de comunhão que se funda em Cristo, Palavra e Eucaristia. É o lugar de encontro entre o mistério de Deus e a nossa realidade de pessoas diferentes, limitadas e frágeis, em que se conjugam a iniciativa divina e a livre colaboração humana. O nosso ser "*cenáculo de apóstolos*" tem por finalidade "*revelar a natureza do Centro*" de onde os seus membros recebem vigor e impulso missionário (cfr. S 2648). Isso já é "anúncio missionário", o primeiro que somos chamados a prestar.

31. Comboni, ciente de que é a Providência a levar por diante a obra missionária, através da colaboração e da continuidade do trabalho de muitos (cfr. S 2700), corre, com todas as suas forças, atrás desta ideia de colaboração universal reunindo à sua volta homens e mulheres, leigos e religiosos, intelectuais e operários, sem ligar a nacionalidade ou cultura: tantos elementos heterogêneos que ele tinha de "*pôr em perfeita harmonia, submeter à unidade de finalidades e de bandeira*" (cfr. S 2507-2508).

32. É significativa a inspiração de Comboni: "*fazer afluir, primeiramente, ao apostolado da África Central, o onnipotente ministério da mulher do Evangelho e da Irmã de caridade*", que define como "*escudo, força e garantia do ministério do missionário*" (S 5284). Numa época histórica

identidade. Em particular, assinalamos a elaboração da história das províncias e das pessoas exemplares que encarnaram o nosso carisma, a atenção cuidada aos arquivos históricos e aos bens culturais, a tradução nas diversas línguas dos nossos textos fundamentais, etc.

c) Ponhamo-nos de acordo na promoção de projectos de **Evangelização** comum, para uma participação mais integral; na programação, actuação e trabalho de equipa; ou na implementação de centros de formação e de apoio à missão.

d) Na promoção da **Justiça, Paz e Integridade da Criação**, parte integrante da evangelização, participemos não só nas diversas iniciativas mas colaboremos também na criação de uma rede (*networking*) para uma actividade mais arrojada e incisiva, partindo do nosso empenho nos vários campos de trabalho, juntamente com outros Institutos eclesiais e organizações sociais (cfr. carta "A Justiça como Relação que Gera Vida", 1 de Janeiro de 2000).

e) Na **Formação de Base**, encorajemos o intercâmbio e a comunicação sobre o processo formativo entre os nossos formadores e formadoras naquelas acções comuns que ajudem os nossos jovens a crescer também nos aspectos do discernimento vocacional, do desenvolvimento psico-afectivo, da consagração e da missão na complementaridade e reciprocidade.

f) Na **Formação Permanente**, para além dos aspectos essenciais já assinalados, como o aprofundamento das nossas raízes espirituais combonianas, a visão da missão, etc., poder-se-ia pensar em aproveitar melhor iniciativas já em curso como o Ano Comboniano de Formação Permanente (MCCJ), o curso de renovação na Terra

diversos sectores...). Prossigamos, então, neste caminho com entusiasmo e convicção.

- c) Julgamos oportuno o estabelecimento de critérios e orientações de colaboração nos diversos sectores, que garantam também a continuidade.
- d) Encorajamos os/as superiores/as locais a encontrarem-se e a procurarem com criatividade meios de animação que favoreçam a colaboração entre as comunidades.
- e) Sugerimos a todas as províncias/regiões/delegações a organização de um *seminário (workshop) sobre a colaboração* para permitir a todos escutarem-se mutuamente e manifestarem as suas expectativas e propostas sobre a colaboração. Poderia ser acompanhado por uma celebração de oração que sirva para sarar as feridas recíprocas passadas e sobretudo conduza ao agradecimento pelo dom da comunhão realizada.

52. A nível de Secretariados e Serviços gerais e provinciais (regionais, de delegação, zonais):

- a) A todos os Secretariados e Serviços pedimos para recuperarem, na perspectiva da colaboração, as moções elaboradas nas diversas assembleias dos respectivos sectores. Possuímos já uma riqueza de reflexão e experiência que nos deve estimular a continuarmos.
- b) A **História** dos Institutos Combonianos também constituiu um caminho de colaboração: com muitas luzes e algumas sombras. Convidamos todos os superiores/as (coordenadores/as) provinciais/regionais/de delegação e todos os responsáveis dos diversos sectores a não se pouparem a esforços na conservação da memória do nosso passado e a aprofundar as fontes da nossa

em que se considerava o apostolado feminino apenas como um "apoio" totalmente subordinado aos sacerdotes, Daniel Comboni, com uma visão realmente profética, fala de "ministério" da mulher e julga indispensável, para o bom êxito da sua obra, a colaboração paritária do homem e da mulher. Ele identifica, até, o século em que vive como "o século da mulher católica, de que a *providência de Deus se serve como autênticos padres, religiosos e apóstolos da Igreja, auxiliares da Santa Sé, braço do ministério evangélico, colunas das missões apostólicas estrangeiras*" (S 4465).

33. Olhando sobretudo para o seu exemplo, estamos certos de que Daniel Comboni desejava transmitir aos membros dos seus Institutos este espírito e esta metodologia de colaboração, porque, de facto, ele estava convencido de que as obras de Deus, "separadas umas das outras dão frutos escassos e incompletos, enquanto que unidas e tendo uma única finalidade adquirem maior vigor, desenvolvem-se mais facilmente e tornam-se muito eficazes para obter o fim almejado" (S1100).

III. CAMINHOS ABERTOS

Na relação entre mulher e homem

34. A riqueza mais específica que temos para oferecer uns aos outros é o nosso ser mulher ou homem. Isso abre-nos à reciprocidade e complementaridade, que se alcança sempre mais à medida que nos conhecemos e aceitamos com abertura e maturidade, ao pôr em comum os próprios dons, ao viver a consagração que nos une e na total entrega à missão que nos foi confiada.

35. A intuição e a lógica, as potencialidades de amar, as diferentes sensibilidades e formas de reagir, a percepção dos valores, as várias maneiras de viver a fé tornam indispensável a complementaridade e constituem uma grande riqueza na missão comum.

36. Tanto o nosso ser criados – homem e mulher – à imagem e semelhança de Deus como a força do nosso carisma comboniano comum tornam-nos capazes de transformar estes aspectos em fermentos de crescimento do Reino, cultivando atitudes que nos prepararam para relacionamentos construtivos. É preciso abandonar as formas subteis de preconceitos e a ausência de autenticidades, que impedem relacionamentos responsáveis e fraternos. Temos de reconhecer e de aceitar que precisamos uns dos outros, com as nossas riquezas e as nossas vulnerabilidades.

Na relação entre ministérios diferentes

37. Para crescermos numa colaboração positiva e fecunda no seio da nossa família comboniana há que ter presente uma premissa que não se pode esquecer ou reter como dado adquirido: o conhecimento recíproco, que vai mais além da estima e da simpatia no plano humano e que realça os diversos dons dentro do próprio carisma: leigos e religiosos, sacerdotes e seculares, irmãs e irmãos. É exactamente esta variedade de ministérios no mesmo carisma que constitui a grandeza e, ao mesmo tempo, a demonstração da sua fecundidade e capacidade de se encarnar nas mais diversas situações e estados de vida.

38. Esse reconhecimento exige um esforço e um empenhamento sério da parte de todos, que acarretará certamente como fruto uma compreensão mais completa e profunda do próprio dom, para além do dos outros. Ajudar-nos-á a descobrir ainda melhor o autêntico “vulto” de Comboni e a riqueza de

d) Os Leigos Missionários Combonianos são uma expressão concreta e estimulante da fecundidade do carisma de Daniel Comboni. Eles participam na actividade missionária da Igreja, na pluralidade dos vários modelos de empenhamento, segundo o carisma comboniano. Queremos agradecer ao Senhor pelo caminho por eles percorrido e reconhecer no seu testemunho evangélico um sinal dos tempos para a missão dos nossos dias. Queremos manter com eles relações de fraternidade, encorajamento e colaboração nos diversos níveis.

e) Nós, Conselhos Gerais, segundo as nossas realidades, empenhamo-nos a prosseguir a relação positiva de trabalho que já existe (encontros, coordenação das emergências, exercícios espirituais, informações), procurando aumentar a colaboração para bem da missão. Seria oportuno, por exemplo, efectuar uma coordenação tanto nas programações como nas visitas às províncias/regiões/delegações com uma preparação e avaliação em conjunto. Além disso, poderíamos procurar uma melhor utilização dos diversos noticiários para comunicar às nossas comunidades informações uns dos outros.

51. A nível local:

a) É nas comunidades locais onde essencialmente se dá a colaboração entre nós. Torna-se, por isso, importante manter a atitude de diálogo e dinâmicas de comunicação-informação de qualidade.

b) Já anteriormente assinalámos algumas iniciativas em curso (encontros regulares dos conselhos, convite à participação nas assembleias, celebração das festas combonianas em conjunto, trabalho em equipa em

a) Promovamos um esforço comum para explicitar os elementos do carisma comboniano ainda não suficientemente desenvolvidos ou contextualizados nos diversos continentes, e também para realçar as figuras históricas dos nossos missionários e missionárias que encarnaram e testemunharam estes valores de uma forma particular. Compromete-nos a todos, igualmente, em vista da canonização de Daniel Comboni, a recuperação dos lugares onde ele viveu e que contribuem, de uma maneira ou de outra, para no-lo tornar mais tangível e mais vizinho.

b) Estimulemos a pesquisa sobre a visão da missão a partir do estudo bíblico-teológico até à metodologia missionária nos ambientes de trabalho concreto. Uma oportunidade única é-nos proporcionada pela preparação dos próximos Capítulos Gerais dos combonianos e das combonianas e pela Assembleia Geral das seculares combonianas, que optaram pelo aprofundamento dos aspectos da evangelização e de como ser missionários/as nos nossos dias.

c) As relações com a Igreja local nas suas diversas componentes continuam a ser um aspecto prioritário do nosso serviço missionário. A colaboração entre nós é a manifestação de uma atitude ainda mais vasta e fundamental de amor e serviço para com as pessoas e a Igreja à qual o Senhor nos enviou. Daniel Comboni sempre procurou e desejou a colaboração com a Igreja em todas as suas expressões, teve confiança nela e envolveu-a de uma forma responsável, disposto a partilhar com amor as fadigas e misérias da população. Antes, é exactamente a fraterna participação nas alegrias, angústias e esperanças da Igreja local de que fazemos parte que nos dá motivação para a comunhão entre nós.

potencialidades do carisma que nos congrega. As nossas diversidades-complementaridades abrangem maneiras diferentes de viver e de exprimir a vocação comum *ad gentes*, e isso reflecte-se nas modalidades concretas de colaboração.

Na caminhada formativa e na vida comunitária

39. Desejaríamos realçar, de uma forma particular, o tesouro que são as pessoas membros da nossa família comboniana na sua variedade e diversidade. Esta multiplicidade de idade, formação, cultura, nacionalidade, personalidade, experiência e mentalidade influenciam necessariamente a colaboração entre nós e na sua dinâmica pluralista.

40. Daí resulta que a atenção às pessoas, ao seu crescimento integral e harmonioso se torna condição indispensável para a criação de relações frutuosas entre nós. De facto, uma sólida formação na identidade carismática e nas dinâmicas de vida comunitária estão na base da nossa colaboração.

41. A formação de base e contínua, realizada em cada província/região/delegação e comunidade missionária, tem de nos preparar para o discernimento, para a partilha e participação decisional também com os outros. A formação de "pessoas comunitárias", que lança mão, se preciso for, também das ciências humanas, é, portanto, indispensável para nos ajudar a entrar assim num processo mútuo de diálogo.

No serviço missionário

42. O Concílio Vaticano II contribuiu para a renovação da nossa compreensão da missão, sobretudo dando-nos uma visão de Igreja como "*povo de Deus*", ministerial, participativa, pobre, serva e peregrina. Outros documentos da Igreja retomaram

ou aprofundaram, em seguida, a dimensão da colaboração (ver *Apêndice 1*). As consequências desta tomada de consciência são muitas. Vamos sublinhar algumas em relação ao nosso assunto da colaboração: a riqueza e pluralidade dos serviços na missão, a construção de comunidades eclesiais em caminho, a participação plena do leigo e os ministérios não ordenados, o lugar da mulher.

43. Colaborar entre nós nesta perspectiva missionária implica a opção por uma metodologia de reciprocidade. Ou seja, chegar juntos a uma mesma visão ou projecto comum, confiança mútua no trabalho em equipa para planificarmos em conjunto, respeito pelas etapas, prudência, paciência, caridade, perseverança. Para obtermos êxito, impõe-se a todos/as nós escuta, reflexão, oração, diálogo e conversão aos valores evangélicos da comunhão e da participação.

44. É sinal de maturidade apostólica colocar-se em atitude de procura de caminhos novos para uma sinergia de forças, a fim de se atingir uma programação pastoral mais incisiva e eficaz. Abrir-nos à colaboração confere profundidade, audácia e um fôlego autenticamente "católico" ao nosso serviço missionário, como Comboni desejava.

Na espiritualidade comboniana

45. Colaborar na procura das nossas raízes comuns apresenta-se como uma tarefa prioritária. Conhecer mais profundamente Daniel Comboni, a sua pessoa e a sua espiritualidade ajudar-nos-á a tornar nossas a sua paixão missionária e as suas virtudes. A comunhão entre nós, a exemplo de Comboni, terá de ser focada na relação profunda com Jesus Cristo e o empenho a segui-!O sem reservas, nutrido pela oração no acolhimento humilde da Palavra e da abertura aos pobres.

46. A acareação frequente com a vida do Beato Daniel Comboni e a postura quotidiana em contemplação do Coração Trespasado de Cristo Bom Pastor, acompanhada por uma atitude de deixar-se interrogar por Aquele que nos ilumina sobre a verdade de nós mesmos, poderia favorecer um caminho em vistas da obtenção da liberdade necessária para se colocar diante dos outros sem aquele medo que impede o diálogo e o acolhimento fraterno.

47. A nossa espiritualidade comboniana ficaria incompleta se não considerássemos nela os nossos defuntos, que vivem em Deus. Daniel Comboni e aqueles que nos precederam nos nossos Institutos encontram-se presentes na família comboniana através do testemunho e fidelidade da sua vida e intercedem por nós. Ao recordá-los, temos de sorver a energia carismática sobretudo daqueles que encarnaram, de uma forma especial, a nossa espiritualidade comboniana.

ALGUMAS PROPOSTAS DE ACÇÃO

48. É fácil estar de acordo sobre a necessidade de colaborar, mas faltam linhas de acção. A maioria das vezes a colaboração é deixada à iniciativa de cada pessoa ou comunidade. É tarefa urgente de todos procurar e usufruir dos meios que facilitem a colaboração (no *Apêndice 3* há um questionário para as comunidades, que poderá servir de base).

49. Propomos, já de seguida, alguns sectores em que nos parece que a colaboração é possível e indispensável.

50. A nível de Direcções Gerais e Direcções Provinciais
(Regionais, de Delegação, Zonais):